

Inuvicta *Cine*

ANO X

N.º 181



GENIA NIKOLAJEWA

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c.

O reclamado fonofil-
me com Douglas
Fairbanks e Bébe
Daniels

ALCANÇANDO A LUA

é apresentado na
próxima 2.^a-feira no

AGUIA D'OURO

com o sugestivo titulo
de

UM HOMEM DE NEGOCIOS

Uma produção da
UNITED ARTISTS
que agrada em abso-
luto a todo o público

As legendas e os filmes alegres

Temos recebido inúmeras cartas de amigos, leitores e assinantes manifestando-nos o seu contentamento pela reaparição da nossa revista e pela nova orientação que lhe vimos impondo.

É sempre agradável para nós, imperterritos pugnadores da arte cinematográfica, receber tais manifestações de simpatia, que constituem, sem dúvida, o melhor incentivo para o nosso trabalho.

A todos os nossos agradecimentos sinceros.

Como já se acha aparelhada para a produção de filmes sonoros, o estúdio «Cinédia», do Rio de Janeiro, Adhemar Gonzaga, o seu director, vai começar brevemente a realização dum novo filme cujo título provisório é *Morena*. Lu Marival e Déa Selva estão já contratadas para esta produção.

Faz hoje precisamente quatro anos que morreu o realizador Mauritz Stiller, marido (ao que consta e como aqui foi dito) da famosa Greta Garbo.

Em Outubro passado foram exibidos para o público no Rio de Janeiro os filmes seguintes: «Os irmãos Karamazoff» de Feodor Ozep, «Tempestade de Paixões», versão alemã de «Traição», com Emil Jannings, «O Caminho do Paraíso», versão alemã com Lillian Harvey, Willy Fritsch e Olga Tchekowa, «Luzes de Buenos Aires», de Adelqui Millar, com Carlos Gardel.

Colleen Moore volta a trabalhar no cinema, tendo assinado um contracto com a M. G. M. para actuar em *Flesh* (Carne) ao lado de Wallace Beery.

Já não é a irrequieta garota das comédias da First National. Agora tem um papel dramático, sisudo, em que ama muito e com sentimento.

Agradará ela ao público na nova modalidade?

Antonio Luiz Lopes e Maria Helena pensam começar dentro em pouco tempo a realização de «Touros de Morte». Esperamos que desta vez o filme fale, ou cante pelo menos...

Parece que se acha em organização uma sociedade productora de filmes de actualidades sonoras e falantes, nesta cidade.

Oxalá que não se trate duma quimera, porque realmente nós necessitamos de quem se meta a fazer documentários de técnica actualizada.

De vez em quando escrevem-nos a perguntar pelo «Douro Faina Fluvial» que tantos elogios mereceu dos que o viram. Não sabemos quando os seus productores-realizadores pensam apresentá-lo ao público, ou se pensam mesmo exibi-lo.

Se há realmente a intenção de tal, é bem lamentável a demora.

Abel Gance vai realizar «Le Vaisseau Fantôme» em cuja obra pensava já há uns quatro anos. Diz ele, que este novo filme «será sob o ponto de vista sonoro, o mesmo que foi «A Roda» sob o ponto de vista visual».

E mais:

«Se eu conseguir o que quero com este filme, o cinema europeu sofrerá uma grande remodelação», disse também Gance o conhecido realizador francês.

A Índia já produz «talkys». *Shi-Kari* foi o primeiro que agradou a todos os hindús. Vê-se que o oriente também gosta de andar a par do progresso cinematográfico.

Por muito que se tivesse bradado, nunca o problema da colocação das legendas nos filmes, sobretudo depois do advento do sonoro—para não falarmos do tempo do cinema silencioso—foi encarado duma maneira unânime e acertada pelos distribuidores.

É certo, diga-se, que muito se remediou, como também é certo, que alguma coisa de interessante se fez... com muito agrado do público. Nesta última parte há a destacar as legendas sobrepostas. Estas no sonoro, são, sem dúvida, as únicas que não causam malefícios e contrariedades e que não desagradam, pois evita-se cortar as cenas, embora as possamos adivinhar e não julgar convenientemente.

Tem-se constatado além disso, uma falta de bom critério na sua colocação, como se tem abusado da sua quantidade, tornando-as superfluas e, portanto, muitas vezes, inconvenientes.

No principio dos filmes elas sucedem-se umas apoz outras... e nós ouvimos ao mesmo tempo os personagens, mas não vemos o que eles fazem.

Não quero dizer que a legenda seja prescindível sobretudo em fonoflmes cujo lingua mal entendemos, ou partindo mesmo do principio de que não é do nosso conhecimento qualquer outra lingua que não seja a nossa, pois ela é necessária para nos conduzir com facilidade á compreensão e á logica das cenas, dos argumentos e dos lugares de acção, já pelo que elas possam conter explicativo, já pela tradução, embora sintética, dos dialogos.

O ter-se adoptado, de quando em quando, em certos fonofilmes, as legendas sobrepostas, foi—como acima dizemos—o melhor factor para levar—os distribuidores á persuasão de que era este o melhor, para não dizer o único processo—em cinema a ultima palavra fica sempre por dizer—capaz de resolver o problema a completo contento.

Sabemos, e com satisfação, de que uma empresa entre nós está a montar convenientemente nos seus laboratórios os apetrechos necessários para se proceder á confecção das legendas sobrepostas e com o intuito de generalisar em todos os fonofilmes tal particularidade, o que de nossa parte, interpretando também o julgár do público, merece os maiores louvores.

É mais uma boa vontade e um esforço a juntar a tantas boas vontades e a tantos esforços de que os distribuidores nos estão a dar provas nesta época que vamos atravessando...

Oxalá que com esta generalisação não se continue a abusar da legenda, como outrora, dando-lhe a colocação condigna, meticolosamente adaptada, para que ela tenha tanto de útil como de agradável.

Compulsando ainda a opinião do público constatamos que os fonofilmes que actualmente mais estão agradando, o que se comprova pela sua afluencia ás bilheteiras, são, sem dúvida os de enredo alegre.

Não admira! A vida moderna, com todo o seu cortejo de contrariedades e pesadelos já por si fatiga os espiritos com visões macabras... O cinema alegre, de «nuances» comicas, de enredos subtis, de simples urdidura, atrai, como circumstancia compensadora, recreativa e necessaria.

O publico foge dos enredos pesados—e dos entretchos trágicos—como quem foge duma segunda fadiga... como quem não deseja tomar outro peso que não o da vida quotidiana, que já por si é um calvário de agruras e misérias... Compreende-se bem, assim, o agrado pe'os filmes alegres!

Os distribuidores decerto já devem ter constatado tal particularidade e por ela se deixarão conduzir, não dizemos completamente, mas em grande parte, para aquisição das novas séries.

Lembram-se de Jean Harlow a jovem bêla de cabelos platinados? «Anjos do Inferno» mostrou no-la a primeira vez e creio mesmo que foi êsse o seu primeiro papel no cinema.

Quando não bastasse isso para a dar a conhecer suficientemente, a vasta publicidade feita á sua volta êstes últimos tempos, seria o essencial para a impôr á vossa atençã.

Essa pequena bonita, na idade plena das ilusões e do amor, com uma fama extraordinaria, passou há bem pouco uma rude prova.

Sonharia ela um dia, ao vêr-se assim bafejada pela sorte, depois de artista de nome, casada com uma das figuras mais proeminentes da industria de Hollywood, na tragédia imensa do seu amor tão dôce! Certamente que não. Quando se atravessa a placidez máxima da vida correndo saborosa ao impulso da felicidade extrema, pôde lá pensar-se nas sombras más que nos esperam traiçoeiramente nas curvas do destino...

Jean era felicíssima com seu marido Paul Berne, conhecido director de produção dos estúdios da M. G. M. Amavam-se. E o seu casamento foi a comunhão desejada dêsses dois afectos convergindo ternamente um para o outro. Não foi um enlace de efeito, realizado, como tantos entre as vedetas da Cinelândia, por uma simples conveniencia social, estranha ao sentimento afectivo que une os seres amados. Embora o não pareça.

Havia três anos que Paul Berne se encontrava assiduamente ao lado da intérprete de «Anjos do Inferno». Nutria por ela uma grande simpatia e era o seu maior amigo e conselheiro, como aliás o fôra já anteriormente das malogradas Líia de Putti, Mabel Normand e Barbara La Marr, de Jetta Goudal e outras devedoras da sua valiosa e desinteressada amizade.

Ele vira-a um dia no estúdio e a inclinação que o atraíu para ela reflectiu-se na jovem. Jean compreendia-o e olhava-o talvez como a um pai—e porque não, se Paul o poderia ser pela idade, com o dobro da dêla.

Mas a amizade converteu-se em amor, mais tarde. Viam-se ultimamente mais juntos do que nunca. E caso curioso: as más línguas que tanto infestam o meio, não ousavam o mais insignificante boato. Tinham o director de produção da M. G. M. na máxima consideração, conheciam-no de sóbra para o saberem incapaz de qualquer atitude menos própria. De resto, as suas antecedentes manifestações de simpatia tão isentas de qualquer intenção que não fosse a de ser útil a alguém, impunham-no ao respeito de toda a gente.

Um dia caiu a novidade com surpresa de todo o mundo cinegráfico. Casavam-se sem grande alarido,



JEAN HARLOW

A ÚLTIMA TRAGÉDIA DE HOLLYWOOD

Quantas não invejaram a sorte dessa pequena de vinte e um anos, casada com um homem de quarenta e dois é certo, mas notável e sobretudo bom, afectuoso!...

Dois meses, três se tanto, durou essa existência de feliz esposa para Jean Harlow. Hoje não passa duma viuvinha chorosa e desanimada com o desgosto da sua triste sorte.

Um drama horrível dissipou num instante a sua felicidade

Três meses antes todos os jornais da especialidade davam a sensacional novidade do seu consórcio com fotografias do acontecimento. Depois essa não menos sensacional e estranha noticia, a impressionar-nos pela sua brutalidade e laconismo: «Paul Berne deu um tiro na cabeça, morrendo.»

Que de conjecturas, enquanto não surgiam mais informes?! Quais as razões dessa atitude tão inexplicavel—dada a conhecida satisfação dos cônjuges—golpeando e destruindo uma união que parecia inquebrantável?

Os periódicos entraram então no relato da tragédia que teve lugar no maior teatro do mundo - Hollywood. Não éra comédia, não éra uma dessas muitas histórias das télas fabricadas na cidade das imagens da ilusão. Era a triste realidade, amarga e pungente, de «entre bastidores»—a confirmar uma vez ainda os trágicos despertares dessa vida de sonho e de ilusão.

Uma manhã, na sua casa de Beverley Hill, Paul Berne apareceu no

quarto de banho estendido no chão com um revólver ao lado e um pequeno bilhete onde se lia: «*Infelizmente este é o único processo de compensar o grande mal que te fiz e de lavar a minha grande baixaza.*» Era escrita por êle á sua querida esposa. Jean Harlow ficou estupefacta, louca de dôr e de confusão. Horrível despertar dêsse domingo de sol, talvez cheio de projectos de felicidade

Vem um testamento pelo qual se averigua que, doze anos antes, o conhecido «executive» da M. G. M. casára com uma antiga actriz, Dorothy Millette. Daqui se conclui da parte de Paul Berne um acto de bigamia. E parece que foi o arrependimento dêsse gesto, o seu bilhete escrito assim o confirma, a causa do seu suicídio. Dados porém os nobres sentimentos de que era dotado o suicida há esta suposição a respeito do seu gesto bigamo: A sua primeira mulher fugira-lhe há alguns anos na companhia doutro homem. Paul Berne jámais se incomodou pela mulher infiel. Assim, quando pensou em casar com Jean Harlow, ignorava por completo o paradeiro da sua primeira esposa, para poder tratar o divórcio. O grande amor pela louca de cabelos platinados fê-lo esquecer a responsabilidade da sua atitude. E talvez pensasse que Dorothy já tivesse morrido... Mas, fatal coincidência, esta apparece-lhe poucas semanas depois do seu novo casamento. O seu espírito concentrado, viu-se num suplicio atroz—como explicar á sua adorada mulhersinha a questão que o poz num estado tão duvidoso?! O que pensaria éla?

Viu-se a resolução tomada.

A história, porém, mostra-se mais complicada ainda. Dorothy Millette caiu da ponte dum barco ao rio, sendo opinião geral que se trata doutro suicídio.

A policia crê mesmo que a defunta procedeu de acordo com o seu marido, o que é mais estranho

Será isto verdade?

Que singular conversa teria havido entre Paul Berne e Dorothy Millette, para resolverem êste duplo suicídio? Uma simples e exquisita coincidência?

Não se sabe por enquanto o que pensa a «blond platine» de toda esta grande tragédia que á sua volta se desenrolou. O grande abalo soírido, não lhe permitiu ainda, mais do que repousar e lamentar-se. Há todavia quem afirme a sua decisão de não voltar a trabalhar para o cinema. A sua dôr imensa, é forte de mais para tão risonha idade. Sente-se desesperada bastante para poder falar com ânimo e firmeza de ideias.

Passado êsse forte estado de impressão nervosa, Jean voltará provavelmente a trabalhar nos estúdios.

J. ALVES DA CUNHA.

A cena passa-se no set de *Strange Interlude*, no estúdio da M. G. M., às 15 horas de uma tarde ardente de verão. Há vozes de todos os matizes, falando num desespero de som, por todos os cantos. Luzes. Decorações. Técnicos. Bem defronte ao local onde nos encontramos, está uma mesa de *toilette* de uma cor azul pálido muito bonita. Diante dela, sentada, está uma linda mulher, trajando um *desabillée* vermelho berrante. Ao som dos nossos passos, volta-se. Reconheço nela a magestosa e fascinante pessoa de Norma Shearer.

Reporter: (Pensando)—(Convém explicar aqui, antes de mais nada, que esta entrevista é escrita, mais ou menos, na forma da peça de O'Neill que originou o filme *Strange Interlude*, no qual os personagens dizem o que pensam, apenas com as vozes da consciência e, depois, dizem aquilo que a conveniência e a sociedade admite e pede que seja dito...)

Norma Shearer é exquisita. Ainda mais bela do que no cinema. Mais suave, mais admirável ainda, se bem que mais morta do que sob a agitação de uma cena.

E que brancos são os seus perfeitíssimos dentes! Os cabelos, que maravilha de cabelos macios e perfumados! Se pudesse tocá-los, beijá-los, se pudesse... (Falando)—Como está, *miss Shearer*? Não se lembra de mim?

Norma Shearer: (Falando)—Certamente que me lembro. Não queria fazer o favor de aceitar uma cadeira? Sente-se, sim? (Pensando)— Quem diabo será este tipo? Já o encontrei, é certo... mas... Quem será ele? E o nome? Naturalmente mais um desses «perobas» que por aí transitam apoquentando a paciência da gente...

Reporter: (Falando)—Agradecido. Antes de mais nada, por favor desculpe-me aparecer assim quase sem avisar, justamente no momento em que está em pleno trabalho. (Pensando)—Ocupada... Mas será isso, por ventura, uma ocupação? Quero ver se arranjo algum escândalo de tudo o que estou observando...

E que péle tem esta criatura! Se eu pudesse tocá-la com os meus lábios, sorvê-la num beijo; correr os meus lábios ávidos sobre esse setim puríssimo...

Norma: (Pensando)—Antes este *tiosinho* não tivesse vindo. Não é bem isso... Eu, na verdade, gosto de publicidade, de escândalo em torno do meu nome de artista, de elogios... Sim, para que negar? Eu passo por modernista aos olhos do mundo, mas intimamente regosijo-me imenso com a publicidade que fazem de mim... Isto, aliás, faz parte absoluta da indústria. Além disso eu devia ter as mãos melhor tratadas, hoje. E logo hoje com este camarada aqui! Assim levaria ele melhor impressão minha e achar-me-ia ainda mais fascinadora... Mas estes camaradas é feio, hein? Porque será que todo o repórter é feio e desagradável? O que estará fazendo Hannah no seu camarim, a sós? (Falando)— Absolutamente! Isso alegre-me muito! Para o senhor e sua revista todo o tempo do mundo e o meu é pouco...

Reporter: (Falando)—A peça que está vivendo é interessante, não é? (Pensando)—Nunca vi o raio dessa peça... Sei que é a respeito de gente que pensa uma coisa e diz outra, apenas. Nas a maneira de fazer a vida é supinamente idiota. E para que estarei eu aqui fazendo perguntas e mais perguntas? Não era muito melhor se a pudesse ter nos meus braços, se a pudesse sorver com os meus beijos, se pudesse dizer-lhe rosto a rosto, lábios nos lábios, olhos nos olhos, tudo quanto imagino dela e do seu sorriso admirável e da sua...

Norma: (Pensando)—Já está tudo pronto para a próxima cena. Justamente aquela em que faço a minha longa dissertação a Ned a respeito da criança. Devia estar estudando os meus diálogos... E meu cabelo, como estará ele? Não

UMA ESTRANHA ENTREVISTA COM NORMA SHEARER

estará desmanchado? E este camarada a olhar-me, a pôr sobre mim os olhos dele, aparentemente ingéniosos e parvamente idiotas... Mas que maçada! (Falando)—Sim, é certo. Entusiamei-me formidavelmente pela mesma, em New York quando a vi representada pela sua criadora, Lynn Fontane.

Não acha que foi um ideia esplendida assistir a uma peça destas interpretada por tal artista? Ao passo que vou interpretando o papel, penso frequentemente na actuação de Lynn, que me serve de modelo e que modelo! A história, além disso, presta-se à cinematografia muito bem. Há muita filosofia por traz das suas cenas e da parte propriamente do diálogo, em que também é apreciável. O'Neill concebeu admiravelmente quão hipócritas são as criaturas humanas... Quão opostos aos nossos verdadeiros sentimentos, nós somos. E isso traz, para a gente, situações de um ridiculo infinito e um infinito trágico, também.

Reporter: (Falando)—Não acha que a coisa é um pouco pretenciosa ao cinema? (Pensando)—Que diabo de frase é esta? Para que é que me estou metendo nestas altas cavalarias? Não poderia, antes, ter ficado calado? Que coisa! Porque não li o raio da peça antes de falar dela a Norma Shearer? Shearer! Que criatura! Diante dela a gente fica positivamente maluco! Que corpo! Que olhos! Que mãos! E' verdade... As unhas poderiam estar um pouco mais tratadas... Se eu fôsse ladrão e pudesse roubar neste momento, roubaria os lábios dela sempre húmidos, sempre excitantes e levá-los-ia comigo...

Norma: (Falando)—Acho que não é razoável encontrar a peça um pouco pretenciosa. E a história de amor de uma mulher e três homens—o sonhador, o amigo e o amante. Em cada um desses homens há alguma coisa que essa criatura ama. Há uma linha do diálogo dita por ela, que tipifica perfeitamente a ideia. Ela está em casa curiosa, observando os três homens a conversar juntos. «Os meus três homens», pondera ela. Se se combinassem as qualidades todas deles, que marido perfeito se conseguiria! (Pensando) Seria esse mesmo o diálogo? Se não é, está certo, e para quem é... bacalhau basta. E o homem da sapataria? O raio do homem já aqui deveria estar! Eu preciso daquelas sandálias para a próxima cena. E este diabo nem sequer me dá a oportunidade de ir averiguar se ele já chegou...

Reporter: (Falando)—Pensamentos faldados? E como é que o cinema conseguirá apresentar isso? Difícil, não é? (Pensando)— Finalmente consegui perguntar alguma coisa

sa razoável. Irra! Isto de perguntas é o diabo... E quando elas respondem ás maiores cretinices do mundo? Esta, afinal de contas, não é assim tão burrinha... Ao menos parece saber assinar o nome. Boa é ela e que pedaço!...

Norma: (Pensando)—Devo contar a este idiota como a coisa foi feita? Ou devo fazer disso segredo e deixar que os outros contem, se quiserem? Mas, com certeza, ele sabe perfeitamente, que não pensamos em voz alta... E tudo isso, porque? Por causa de um *cheireta* aborrecido, que tudo quer saber... Mas vai falar de mim, descrever-me, tocar no meu nome. E' publicidade! Vale a pena dar mais algum furo a este individuo... (Falando)—Sim, é difícil. Mas é interessante e absolutamente diferente de tudo quanto se fez até aqui neste género. Há um dialogo na cena inicial, que reflecte que as palavras nada mais são do que mascaras para os nossos verdadeiros pensamentos. Seguimos exactamente essa ideia pelo filme adiante. Fazemos as cenas de duas maneiras. Primeiro, a parte sonora expando os nossos pensamentos íntimos, aqueles que não dizemos. Depois, fazemos as cenas, dizendo os diálogos, naturalmente como sempre e fazendo as pausas silenciosas e de expressão onde entram os pensamentos falados dos nossos íntimos.

E a ideia que queremos dar, de termos os lábios cerrados, mas as almas falando. No teatro, é lógico, isso seria impossível, porque, nem que fôssemos todos ventríloquos, não o conseguiríamos. Tínhamos que dizer as palavras com movimentos de lábios, tirando o lado natural que o cinema tem e deu á peça de O'Neill. O cinema conseguiu essa nova técnica. Complicação de sons, mas uma coisa muito bem feita e inédita.

Reporter: (Pensando)— Que perfume usa esta mulher, Santo Deus! Que perfume inebriante! Que criatura terrivelmente feminina. Norminha, meu bem, vá ser magnífica ao diabo que a carregue, sim? Faz-me esse favorinho? Que cousa! E a gente ter que ficar firme ao lado desta mulher, que mal vestida está e além disso é... Norma Shearer! Se eu estivesse aqui conversando com ela como desejo, te-la ia nos meus braços e trocaríamos as mesmas ideias entre um beijo e outro beijo, entre uma carícia e um afago. Querida... se eu tivesse o direito de, a chamar assim, apenas. Normazinha da minha vida! Apesar de tudo ela tem muito de ela mesmo atrás da sua expressão pessoal diversa. (Falando)— Há uma mudança de anos, não é? Uma diferença de vinte anos, creio...

Norma: (Falando)—Sim, nós quatro envelhecemos juntos. (Pensando)—Por falar em anos que passam... e a minha cabeleira? Acho que ela deve ficar pronta pela manhã cedo. Mas ficará? Os meus cabelos são a coisa que mais importância merecem de mim na vida... (Falando)—Acho que é o primeiro filme em que as pessoas envelhecem, conservando, no entanto, a mocidade... ou antes, conservando a atracção. Envelhecemos mas não ficamos decrépitos—vestimo-nos bem e vivemos em ambientes do maior luxo. Nada há de lastimável nas nossas idades avançadas. Não há, também, nenhuma transformação abrupta. Vem tudo como fruto de nove transformações gradativas e estupendamente lógicas. Mudo de penteado e de cabelo por nove vezes.

Reporter: (Pensando)—Nove vezes diferentes para pentear os cabelos. Muita mulher gasta a noite toda para compor os seus cabelos brancos? Que loucura... Norma Shearer de cabelos brancos! Uma velha que todos cubirão espantosamente... E Clark Gable é o felizardo que tocará várias vezes no veludo desses lábios, com os seus... Que cabra de sorte! (Falando)—Clark Gable é o galá, não é?

Norma: (Falando)— Sim, é ele mesmo, Ned Darrel o médico que, no filme se apaixonou por



(Conclue na última página).

DA VIDA CINEGRAFICA

Crónica Assim como «Gentlemen prefer clondes», também o público prefere as comédias.

Os dramas, plenos de tragédias, com a Menichelli ou a Pola Negri a quererem convencer-nos de que a vida era aquilo mesmo — dor, sofrimento, agonia — tiveram o seu tempo. Hoje, o drama existe, diariamente, na vida do povo, esmagando, trucidando-o aos poucos, para que ele vá procurá-lo aos ecrãs dos cinémas.

O público quer rir, esquecer a vida, transportar-se às regiões do sonho, em que tudo é côr-de-rosa. E, embora o despertar seja horrível, a realidade brutal não o choca.

A comédia, saudável, repleta de alegria, tem, pois, a sua preferência incondicional.

Charlot? Não! O público não compreende o Shakespeare da tela! Charlot é demasiado trágico na sua comicidade; Charlot só seria compreendido se o público o estudasse — e isso não o fará ele nunca...

Ofereçam-lhe antes Harold Lloyd, William Haines, Armand Bernard.

Substituam o látigo de von Stroheim pelo «jazz» de Paul Whiteman; as teses profundas de Thea von Harbou pela leveza vaporosa da Lilian Harvey.

Façam a vontade ao público! — N. C.

Maurice Chevalier volta à América

O ídolo da multidão acaba de regressar a New York. A sua partida de Paris, Maurice declarou a um jornalista francês: «Cantarei, durante duas semanas, no cinema Paramount da Times Square, uma semana em Chicago, outra em Los Angeles e duas outras ainda em cidades diferentes. Depois interpretarei dois novos filmes em Hollywood.

Conto estar de novo em Paris dentro de oito meses. E só voltarei à América uma vez por ano para realizar um filme.

Espero, entretanto, poder realizar alguns filmes em França. É um dos meus grandes sonhos».

Joan Crawford, trágica

No filme «Rain», que Lewis Milestone acaba de realizar, Joan Crawford vai aparecer numa modalidade completamente diferente, em que não estávamos habituados a vê-la anteriormente.

Joan tem unicamente papeis de mundana vaporosa, vestindo sumptuosamente, através de comédias sentimentais cheias de espi-

rito; em «Rain», porém, aparecer-nos-á numa composição essencialmente dramática, que acentuará ainda mais, sem dúvida, o encanto da sua sensibilidade.

Quem julgaria que estes grandes olhos eternamente trasbordantes de alegria, poderiam encher-se um dia de lágrimas... que esta bôca, de lábios vermelhos e voluptuosos, poder-se-ia crispar em espasmos de dor... que este corpo maravilhoso poderia curvar-se ao peso de todos os sofrimentos humanos?

Foi Lewis Milestone, realizador de quem vimos «A oeste nada de novo», que descobriu em Joan Crawford qualidades de grande trágica, oferecendo-lhe esta oportunidade de trocar o género ligeiro por um papel humano, pleno de sinceridade.

«Rain» revelar-nos-á, certamente, uma nova faceta do talento da Venus de Hollywood.

Um novo método de legendar Filmes

Um engenheiro de Riga, M. Blumberg, inventou um novo método de legendar filmes estrangeiros que diminui sensivelmente as dificuldades de adaptação.

O novo processo torna desnecessário a sobreimpressão de títulos. Todas as legendas são impressas num pequeno filme auxiliar que apresenta sucessivamente cada uma delas em projecção fixa por meio de um aparelho auxiliar e de um dispositivo eléctrico regulador da projecção.

Será, pois, possível fazer passar o mesmo positivo por toda a parte, sendo sómente necessário um filme de legendas diferentes para cada lingua.

«I. F. Não responde»

No estudio da «Ufa» em Neubabelsberg prossegue, com toda a actividade, a realização do novo filme da produção Erich Pommer, «Ilha Flutuante N.º 1 Não Responde», que Karl Hartl dirige. Trata-se de um filme de aviação que foca o estabelecimento de ilhas flutuantes, de recurso, em pleno oceano, cujos exteriores foram realizados na ilha Greifsnalder Oie.

A interpretação compreende Danièle Parola, Charles Boyer e Jean Murat nos principais papeis.

O novo filme de Pommer, que o S. João Cine nos apresentará brevemente, anuncia-se como uma grande produção.

Lilian Harvey

A admirável estrela da Ufa, cujo talento extraordinário de fantasista temos aplaudido em imensos filmes foi, como se sabe, recentemente contratada pela Fox, por conta da qual vai realizar uma série de filmes na América.

Presentemente, a nossa madrinha está trabalhando, sob a direcção de Eric Pommer, no novo filme «O Testamento do Marquês S.», ao lado de Charles Boyer e Piérade, tendo terminado há pouco «Un Réve Blond» ao lado de Henry Garat.

O novo filme em que está actuando é o último que realizará na Europa.

O seu primeiro filme a realizar em Hollywood será dirigido por Eric von Stroheim, segundo notícias chegadas da Alemanha e terá Pola Negri como intérprete.

Boa resposta

Num cocktail que reuna ultimamente em Paris várias individualidades da industria e da imprensa cinegráfica, o conhecido realizador Rex Ingram, contou esta história que não deixa de ter graça:

— «Eu sou amigo de Clarence Brown, grande realizador, de Hollywood. Ora, um dia dizia-me ele: Meu velho Rex, tu és um legionário e por isso amas a legião. Pois bem! tu devias vir connosco

*Em que estará pensando George King Arthur? Joan Crawford é que parece não vêr nisso coisa de geito — a pensar pela sua
== atitude desdenhosa. ==*



fazer um filme desse género.—O. K., respondi-lhe eu,—mas, onde queres que vá eu filmar?—A Hollywood, naturalmente, respondeu-me Clarence um pouco surpreendido da minha pergunta. E sabem que lhe respondi?—My dear Clarence Brown, aceito a tua proposta, sómente com uma condição...—Uma só, retorquiu-me êle.—Sim; eu farei em Hollywood um filme da Legião, no dia em que tu me prometeres filmar um filme de «gangsters» no Sahará.

Clarence Brown jurou dar-me uma resposta, mas a carta deve ter-se perdido, nem eu voltei a falar com êle...»

A' procura dum título Em Paris passou há tempos com sucesso o filme «Rapazigas de uniforme». Ultimamente outro filme apareceu intitulado «Rapazes de uniforme». E há quem preveja uma «uniformização» de novos títulos, em virtude do sucesso do primeiro. A propósito contamos uma boa piada duma conhecida artista francesa.

Maurice Champreux dirige presentemente uma pelicula intitulada: «Allô Mademoiselle». Numa destas tardes declarou que não simpatisava nada com êsse título e pôs-se á procura dum outro. Nessa altura, as jovens que interpretavam as meninas dos telefones faziam atarantadas um barulho ensurdecedor.

E Dolly Davis, a intérprete principal, volta-se para Champreux e propõe-lhe, sorrindo:

—«Chame ao filme, se quizer, «Maluquinhas de Uniforme».

Wallace Mac Donald Antes de ingressar no cinema, Wallace Mac Donald possuía um pequeno teatro em Los Angeles, no qual trabalhava quasi vinte e quatro horas por dia como arrumador, bilheteiro, gerente e até tocador de órgão. O lucro era, porém, pequeno, pois ao cabo de cada semana não lhe sobravam mais que uns vinte dollars.

Cansado de perder o tempo tão miseravelmente, decidiu oferecer-se a um dos poucos produtores que naquela altura havia na California, para exhibir todos os filmes na sua casa desde que lhe deixasse trabalhar nêles. O produtor, achando a proposta razoavel, decidiu-se aceitar, oferecendo essa oportunidade ao jovem que começou assim a sua carreira, gozando hoje de uma boa reputação entre a gente do cine.

Wallace diz que os maiores negociantes pretendem ser agricultores, que os advogados suspiram por ser médicos, os casados por ser solteiros, os vivos por estarem mortos e, quem duvida de que os mortos dariam alguma coisa para estar vivos?

—No filme, os directores querem ser actores e vice versa. Não sou excepção. A minha ambição é de vir a ser realizador e ter a honra de dirigir as «estrelas» mais famosas de Hollywood.

Para que quererá Wallace dirigir as beldades da Cinelandia?

Lubitsch aconselha... Eis um conselho do excelente director alemão aos produtores que queiram aperfeiçoar os artistas.

«Comecem por faze-los trabalhar em filmes de curta metragem, antes de experimentarem os seus talentos em filmes grandes que não oferecem variedade bastante para adquirir uma experiencia sufficiente para o desempenho de grandes papeis.»

Teria sido interessante que Lubitsch seguisse o seu próprio conselho com... Maurice Chevalier por exemplo...

A Volta ao Mundo Este filme realizado por Douglas Fairbanks não é um simples documentário de logares desconhecidos, mas uma produção onde se vê a peregrinação dum homem extraordinario por várias partes do mundo. A'lem da paisagem por vezes bizarra e encantadora, vê-se Douglas nos seus loucos passeios, atravez de palpitantes aventuras, em caçadas aos tigres, e belas recepções organizadas em sua honra. E sente-se então a sua personalidade de homem invulgar e arrebatado. Vê-se tambem o encanto que oferecem alguns países remotos. Foi feita uma versão espanhola.



LOIS MORAN— Vocês lembram-se de «O Defunto Pascal»?! Bons tempos! Foi lá que nos apareceu pela primeira vez Lois Moran num delicioso papel de ingénua ao lado de Ivan Mosjoukine. O filme marcou nos annos do cinema silencioso pelo arrojado e subtilidade da sua realização devida a Marcel L'Herbier. Depois dessa dessempenho apreciável, Lois Moran fugiu tambem para a América. Foi uma das primeiras que se arretaram do velho mundo para os E. U. E lá tem trabalhado em inumeros filmes, ao lado de notáveis galãs do cinema americano. Não appareceu até agora em grandes filmes de além-atlântico. Mas não falhou, como várias que d'aquí foram para lá. É graciosa, não é?! Vocês lembram-se também dela e viram-na em «Transatlântico».

JORNAL H. DA COSTA

OS INTÉRPRETES DE UM SONHO DOURADO

Os filmes da Ufa sempre se distinguiram pela sua magnífica interpretação. Há muito tempo que em Berlim se seguia a doutrina que Hollywood só agora começou a pôr em prática: distribuir os papéis dum filme por quatro ou cinco grandes artistas, e não rodear uma única *estrela* de intérpretes de segunda ordem.

Em *Um Sonho Dourado*, a última super-produção de Erich Pommer, que a Agência H. da Costa vai apresentar dentro de alguns dias, vemos



LILIAN HARVEY

assim nada menos de cinco artistas de grande categoria: Lilia Harvey, Henry Garat, Pierre Brasseur, Pierre Piérade e Claude Franconnay.

É inútil apresentar ao leitor os dois primeiros. Lilian Harvey e Henry Garat constituem ainda o parzinho preferido por todos os públicos, por ser o mais equilibrado, o mais alégre, o mais belo, — o mais apaixonado. Lilian e Henry são verdadeiramente dignos um do outro.

Pierre Brasseur é esse magnífico actor que tanto se tem distinguido ultimamente. Basta citar a sua magnífica criação em *Quick*, o *Palhaço*: o poeta *futurista*, tão graciosamente ridículo. Mas Brasseur não faz vibrar exclusivamente a veia cômica. No *Sonho Dourado* vamos vê-lo desempenhar um papel com certas características sentimentais; e temos a certeza de que a sua actuação vai surpreender agradavelmente as es-

O ÊXITO EUROPEU DO FONOFILME “EMILIO E OS DETECTIVES”



Não há ninguém que se interesse verdadeiramente pelo cinema que ainda não tenha ouvido falar no filme *Emílio e os Detectives*.

Emil und die Detektive alcançou um êxito retumbante na Alemanha, em França, na Austria, na Bélgica, em Inglaterra—enfim: um êxito europeu. Tudo leva a crer que, em Portugal, o filme seja apreciado com o

deve. É certo que o público português desconfia — e sem razão — dos filmes interpretados por crianças. Mas pode garantir-se que nenhum dêles é tão interessante, quer pelo seu entrecho, quer pela sua realisação, como *Emílio e os Detectives*.

É a história dum rapazinho a quem a mãe entrega 130 marcos para levar a avó, que vive em Berlim. Emíl o mete-se, sózinho, no combóio. Um dos passageiros é um gatuno de calibre que o rouba sem vergonha.

pectadoras, que não julgariam encontrar nêlle tão grande namorado.

Pierre Piérade também entrava em *Quick*. Era o palhaço filósofo e borracho que secundava o protagonista no seu famoso número. Piérade desempenha no *Sonho* um papel de muito maior destaque, em que apresenta uma estupenda caracterização — uma das suas especialidades. A sua personagem — o «Horível» — é a dum filósofo misógino que estima como se fossem filhos os dois protagonistas: Mauricio I e Mauricio II.

Vão ouvi-lo cantar com extraordinária intenção os lindos versos que Bernard Zimmer, o festejado escritor

E Emílio não está com meias medidas. Em vez de ir chorar agarrado ás saias da avó, levado pelo espírito de aventura de todos os rapazes, vai atrás do homem, organiza um batida em forma. Cerca de garotada o hotel em que êle se recolhe, e consegue prendê-lo, após interessantíssimos episódios.

O bando de garotos—detectives é dum pitoresco inexecdível. Nunca mais se esquecem o Gustavo da Buzina, o Professor, o terça-feira, o Papagaio Voador e muito menos a linda Pony, que é interpretada pela mesma artista que desempenhava, em *Matou*, o papel da pequenina Elsie, uma das vítimas do vampiro. Retenham o seu nome: Inge Landgut, pois hão-de vê-la noutros filmes.

O facto de ser Fritz Rasp quem interpreta «O homem do côco» — o gatuno — é elemento a considerar.

parisiense compôs para a música de Werner Heymann:

Tu n'auras plus de propriétaire. Peïnard, au champ des navets... Claude Franconnay é uma das rainhas da opereta francesa. Também canta, no *Sonho Dourado*, uma canção inesquecível: *Y aqu' á pardonner*.

Os intérpretes de *Um Sonho Dourado* constituem só por si a garantia da alta qualidade. Os outros nomes Ufa, Pommer, Paul Martin, Zimmer, Heymann, etc. tornam-na inevitável.

Basta dizer que, de entre todos os filmes que tem interpretado, *Um Sonho Dourado* é aquele que Lilian Harvey prefere.

PELOS CINEMAS LISBOETAS

S. Luis—O médico e o monstro
(Dr. Jekyll and Mr. Hyde)

A estranha história do médico que, por meio dum preparado químico conseguia desdobrar a sua personalidade não só moralmente pois na segunda fase apenas os maus instintos o dominavam—mas até fisicamente, transformando o jóven e insinuante Dr. Jekyll no monstro horrendo, disforme, de enormes dentes salientes, riso alvar, cabeça desconforme e horrorosamente peluda que era o senhor Hyde, não podia ter sido realizada cinematográficamente de forma mais acertada do que o foi pelo russo Rouben Mamoulian.

Este realizador que era desconhecido até ao aparecimento de *Ruas da Cidade*, passou a ser considerado, mercê da sua formidável realização naquele filme de *gangsters*, como um dos grandes animadores mundiais de cinema.

Com este filme subiu ainda mais na coacção de todos os que se interessam por cinema.

O macabro argumento de *O médico e o monstro* é evidentemente de uma dificuldade de realização bastante superior ao de *City Streets*; todavia Mamoulian fez dêle um filme admirável, uma autêntica lição de Cinema para os nossos realizadores *in herbis*.

Sob as ordens deste realizador a câmara move-se qual pupila curiosa e inquieta, acompanhando os personagens, focando no ângulo mais expressivo, tentando mostrar-nos sempre o estado psíquico dos intérpretes.

As cenas iniciais em que o Dr. Jekyll, depois de executar no órgão uma melodia de Bach sai de casa e se dirige à Faculdade de Medicina onde vai fazer uma conferência, são das coisas mais perfeitas que tenho visto em cinema.

É difícil indicar as melhores cenas; esta



Uma cena de «O medico e o monstro», emocionante fonofilme que breve se estreia no Aguia d'Ouro

película está admiravelmente bem feita desde a primeira à ultima imagem.

A cena de sedução em que Miriam Hopkins vai admiravelmente, a primeira transmutação do médico em monstro, — as cenas no quarto da actriz, a fuga depois do assassinato, o momento de enorme emotividade em que o horrendo senhor Hyde é obrigado a transformar-se perante o Dr. Lanyon no bondoso Dr. Jekyll e a movimentada perseguição final, são duma beleza impressionante que arripia.

Rouben Mamoulian é um mestre que não descarta nada, que não esquece um pormenor, por mais insignificante.

A iluminação, onde quasi sempre predominam tons escuros, de acôrdo com o estado anímico das personagens, as perfeitas transformações do medico em monstro e vice-versa, os quadros simbólicos que a cada passo nos apresenta, são provas mais do que suficientes da minha afirmação.

Claro que é absolutamente tôlo discutir-se a verosimilitude do argumento—nem isso nos interessa.

Interessa-nos, sim, o facto de *O médico e o monstro* ser um grande filme, um filme que todos verão sem um bocejo, sem um momento de fastio, sem uma quebra de interesse.

Frederic March que em *Anjo da Noite* ao lado de Nancy Carrol se tinha revelado um bom actor, tem neste filme um trabalho estupendo, conseguindo ser o noivo simpático de Muriel, e conseguindo convencer-nos da horrível bestialidade que o senhor Hyde emana.

Miriam Hopkins mostra-se uma artista de grande classe sobretudo na cena de sedução e no momento em que roga a protecção do Dr. Jekyll.

Os restantes muito bem, num conjunto homogéneo.

Fotografia e som perfeitissimos.

Decididamente, a Paramount merece calorosas felicitações.

Tivoli—Um homem sem nome

Gustav Ucily, o excelente realizador que na época passada nos deu dois esplêndidos fonofilmes, confirma-se em *Um homem sem nome* um animador de grandes recursos, senhor duma técnica perfeita e poderosa.

As admiráveis sínteses que dão início à película, o expressivo ângulo dos arquivos em que se vê ao fundo Heinrich Martin, significando bem o seu acabrunhamento ao saber-se morto, o anoitecer em Berlim e tantas outras passagens que enriquecem o filme são mais que suficientes para recomendar *Um homem sem nome*.

O argumento verosímil, humano, emocionante, muito *après-guerre*, sem sentimentalismos piegas nem idiotices amorosas, está bem conduzido, sobretudo na primeira metade do filme.

Na segunda metade descai talvez um bocadinho e, por exemplo, a acção quasi sempre apalçada do juris consulto Gablinsky está fora da indole do filme.

A interpretação é quasi sempre boa, embora por vezes um tanto teatral.

Firmin Gémier, consagrado actor francês de teatro, encarna com verdade o difícil papel do *homem sem nome*.

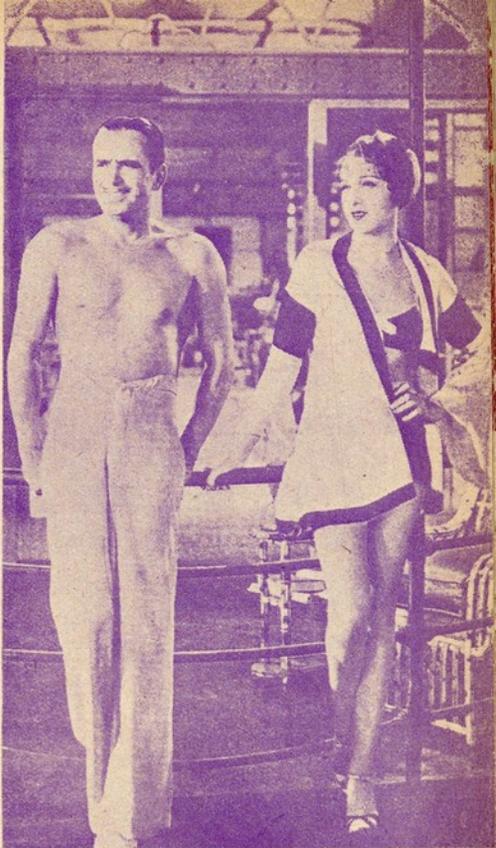
Fotografia primorosa do grande Carl Hoffman.

Lisboa, Nov. de 1931.

FERNANDO BARROS

John Miljan artista americano mais conhecido em papeis de vilão, disse que já interpretou mais ou menos dez vezes o papel de advogado de acusação. Mas o mais interessante é que nunca ganhou uma causa...

Miljan receia que os seus admiradores o julguem um mau advogado.



UM HOMEM DE NEGÓCIOS

Douglas Fairbanks o conhecido artista americano que o nosso publico muito admira, desta vez deixou os seus costumados trajes de mexicano, de gaúcho ou de pirata, deixou os cavalos, as espadas, o laço e as lutas em que era inventivo para nos aparecer metamorfoseado na figura elegante e seculovintesa dum rico negociante americano, dum autentico *businessman* no fonofilme um «Homem de Negócios», que na próxima semana se estreia no elegante cinema Aguia d'Ouro.

Eis, em resumo, o argumento de «Um Homem de Negócios»:

Larry Day é o tipo do moderno financeiro para quem nada existe que mereça interesse além dos negócios. Não lhe chega o tempo para pensar em mulheres Vivian Benton, uma rapariga de ideias modernas, faz parte dum clube de aviadoras. Irritada pela atitude de Larry perante as outras mulheres, faz uma aposta com Carrington, empregado e amigo de Larry, em como conseguirá falar com êle, no seu escritório apesar de ter pouco tempo, pois no dia seguinte parte para Inglaterra com o grupo de aviadoras, a tomar parte num concurso de aviação.

Vivian procura Larry no seu escritório na manhã seguinte e consegue falar-lhe e interessá-lo a ponto de êle pôr de parte todos

(Conclui na última página)

TEEM A PALAVRA OS NOSSOS REDACTORES NO ESTRANGEIRO

«O Caminho da Vida»

Antes de mais nada ocorrem-me estas palavras de René-Claire: «As leis do dinheiro continuam a subjugar o cinema amordaçando-o. Pode-se dizer que a sua evolução, salvo na Rússia Soviética, é inteiramente dirigida por financeiros».

«O Caminho da Vida» é sem dúvida um dos mais belos filmes produzidos até hoje no cinema falante. Vão dizer-me que exagero.

É natural que ele tenha defeitos, mas eu prefiro guardar mais a minha dureza para as fitas comerciais, convencionais. Deante duma realização como esta, animada pelo sópro das grandes obras, trasbordante de humanidade e de arte, não posso deixar de manifestar a minha admiração profunda.

Nicolas Ekk, afastando-se dos escolhos em que tantos outros se teriam lançado criou um filme com tôdas as características puras do cinema soviético.

Pouco há a dizer, propriamente falando da anedocta. É um autêntico documento, um poema à glória do trabalho; um apelo à união, à bondade e à fraternidade. Que digo eu? — mais ainda, e sobretudo um filme de puro cinema. Não se trata dum trabalho de estúdio, onde os homens de *smoking* e as mulheres em vestidos de *soirée*, troquem palavras espirituosas. Não. Uma interpretação solidamente ritmada e grandes planos expressivos. Belas imagens da natureza e do trabalho. É um lirismo mudo, contínuo se desprende por vezes como uma vaga esmagadora.

Mustapha — o antigo garoto tornado o mais esperto da cooperativa parte só, de noite, com uma carroça pela via do caminho de ferro construída pelos rapazes da colónia. Ele avança, cantando loucamente e contente.

O céu pesado e ao longe o horizonte. O canto selvagem do garoto na serenidade da paisagem. De súbito: o acidente. Mustapha cai e o seu inimigo espera-o de faca na mão. A luta, um grito e a agonia. O grasnar das rãs no lameiro junto à lagôa. Uma árvore; um ramo; um pássaro e o seu canto na noite: Depois, a manhã e o corpo para sempre estendido por terra.

Graças a Nicolas Ekk, o cinema manifesta-se de novo na sua própria expressão.

Contei-vos uma cena, mas eu devia contar-vos mais. Terei eu dado uma ideia da beleza dessas creanças no trabalho? da homogeneidade da sua interpretação?

Hesito em dissecar esta obra; quero todavia falar do final: a inauguração da linha do caminho de ferro. Uma cena simplesmente documentária, como muitas vêzes nos mostram as actualidades. Mas Ekk aqui fez outra coisa. Deu-nos a locomotiva, sob um céu vasto, despegando com todo o combóio para o espaço em direcção aos azeites — o que nos faz lembrar um pouco Abel Gance, com um pouco mais de recursos e expressivos.

Lirismo do cinema! Que boa lição para os incompetentes que pululam nos estúdios

e não sabem mais do que fotografar estáticamente uma peça de teatro!

«O Caminho da Vida» é a obra realizada por um jovem de vinte e seis anos. E ela dá-nos uma rajada de bom cinema — tão raro para que possamos regatear-lhe elogios.

«Son Homme»

Várias salas tem exibido em Paris um filme de que eu gostaria de falar mais largamente.

Son Homme um dos melhores de além Atlântico. Com atmosfera, vida e movimento, contem algumas cenas da mais fina sensibilidade, sendo interpretado com perfeição por Phillips Holmes e uma honrosa pleiade de artistas. Esta produção rica também de qualidades puramente cinemáticas, é mais uma prova da inteligência e do arrôjo de alguns cineastas de Hollywood.

Paris, Novembro de 1932.

DANIEL MAYBON

Um sonho dourado

Depois de «O Caminho do Paraíso» verdadeiro êxito, muitas operetas têm florescido no cinema. Mas poucas tão interessantes como o modelo. *Um rêve blond* é já de um valor semelhante à primeira, cheia de graça, de fantasia, de ideias que são cinema autêntico, tais como as do sonho, as cenas à beira da água, os passeios de bicicleta, etc.

Vemos neste filme dois principais intérpretes de «O Caminho do Paraíso» o simpático Garat e a graciosa Lilian Harvey mais leve, mais viva, mais poética que nunca, adorável no seu papel de rapariga que quer ser vedeta e que graças à sua obstinação consegue conhecer o rei do cinema que a contrata para Hollywood. Dois homens a amam mas vem aos braços daquele que ela prefere (Brasseur) e o outro (Garat) sacrifica-se partindo sem ela para a Cinelândia. Garat e Brasseur provam neste filme que se adaptam a papeis diferentes dos vulgares. Os restantes intérpretes bem. O diálogo é notável e duma qualidade pouco vulgar em cinema.

Paris, Novembro de 1932.

MAURICE HILERO

«Ama-me esta noite»

É vulgar dizer-se que o director é o verdadeiro dono dos filmes. Nisso, aliás, não está nenhuma novidade, porque se o arquitecto já era o «dono» do edifício e o general o «vencedor» das batalhas, impunha-se levar a analogia um pouco mais avante — e afirmou

se às costas do *metteur-en-scène* a responsabilidade das fitas.

Como os artistas nada fazem sem a permissão desses senhores, justo é que eles respondam, pelo êxito ou pelo fracasso das produções que dirigem.

Há pouco, foram os russos ao extremo, segundo telegramas de Moscou, de lavar pena de morte contra dois directores que estavam traindo, nos filmes, os ideais revolucionários dos Soviets. Não sabemos em que consiste esse ideal cinemático da Rússia; se se trata porém de condenar os filmes ôcos de ideia, sem nenhuma significação estética ou prática, tiveram as suas razões as autoridades moscovitas, pois nada há que mais deponha contra o bom senso de um povo do que um filme mal feito.

Comutada embora aquela sentença em prisão perpétua, não deixou a notícia de causar estremecimentos em Hollywood, onde, em muitos casos, caberia a penalidade nova instituída pelos comunistas.

Mas, se a severidade das leis russas fôsse aplicada aos *metteurs-en-scènes* de Hollywood, temos a certeza de que um, pelo menos, escaparia à sanha justiceira dos mesquiteiros: Rouben Mamoulian, o director de *Chevalier* e Jeanette em *Ama-me esta noite*, filme-lírico que actualmente corre na tela do «Rivoli», na Broadway.

Logo ao *fade-in* inicial do filme, o que sentimos é o pulso do seu director, antes de surgirem os artistas, a encaminhar inteligentemente os sons, que entram a ter função descritiva no argumento.

Paris dorme, envolto nas brumas da manhã. O silêncio desse princípio fala por si, tipificando o repouso. Depois, vibram mansamente por dentro da névoa as cinco badaladas de um sino, à distância. As lâmpadas eléctricas, vencidas pela claridade do dia, extinguem-se de súbito.

Um calceteiro surge na pequena praça que temos deante dos olhos, e dispondo a sua ferramenta, começa de picaretar o calçamento. A seguir, dois sapateiros, um amolador, um ferreiro, o rolar de uma carroça sobre as pedras da rua são sons que vem, por seu turno, aumentar a sinfonia rumorosa da cidade, que desperta para a vida urbana.

Há nessa inteligente introdução uma vitória directiva, que é toda de Mamoulian, o novo Lubitsch do filme americano.

Ama-me Esta Noite tem muito de opereta e de conto de fadas, pois, para conjurar os génios máus que andam a truncar a felicidade da Princesa Jeanette, lá estão aquelas três velhotas, suas tias, como bruxas de boa sorte.

Maurice Courtelin, um alfaiate de Paris, é o «príncipe encantado» dessa deliciosa história da Carochinha — que termina pela voluntária entrega da princesa ao humilde oficial de agulha, que como um trovador de antanho, soube levá-la, numa noite de luar, pelo mundo das loucas fantasias...

Em cinema a céu-aberto, temos a linda sequência da caçada, sonorizada pelo ladrar dos cães, e onde Jeanette MacDonald se nos revela uma esplêndida amazona. Entre as líricas do filme, destaca-se a balada «lan't it romantic», cantada por Miss MacDonald, e a canção loucamente burlesca, «Mimi», que se supõe improvisada por Maurice.

New York, Outubro de 1932.

ARTUR COELHO

ANO X
N.º 181
Porto, 12--Novembro--1932

INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua das Musas, 45

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela
C. de Censura

Comp. e Imp. — Diário do Porto

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTÍSTICO
Fernando Lacerda

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emílio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos



Imagens do fonofilme «Emilio e os Detectives», uma super da Ufa que na próxima 2.a feira se estreia no S. João Cine (Programa H. da Costa)

Uma estranha entrevista com Norma Shearer

(Conclusão)

mim. (Buscando) — Gable... Clark Gable... Clark Gable... Que gente trouxe, só falando nesse homem, só pensando nele! Fale de mim, seu lórpa!

Reporter: (Pensando) — Robert Z. Leonard é um director engraçado! Lá está ele louco por que Norma vá ensaiar e não se aproxima para falar... Venha, seu trouxa... Clark Gable é que já está impaciente. Mas comigo é que, batáta! Amolem-se! (Falando) Porque acha que Clark Gable fascina tanto as mulheres, miss Shearer? (Pensando) — Miss... é boa! Diga ela o que disser, serve, porque eu já tenho a resposta dela escrita...

Norma: (Pensando) Já sabia que este animal me perguntaria o mesmo que todos costumam fazer... Cuidado, Norma! (Falando) — Eu... eu acho que é uma criatura estranhamente interessante, este Clark Gable. Todo o mundo gosta dele! (Falando) Ele espera que aconteça aqui alguma coisa de mais excitante e é por isso que o animal não vai embora... De Gable é que não sei nada, fóra do estúdio, não quero saber e tenho raiva de quem sabe... (Falando) — Gable tem uma fascinação incrível. É de uma insolência calma. A sua força física dá a impressão de avassaladora. A sua gentileza pessoal é um contraste suave e vivo. É o tipo do homem que é capaz de vergar uma mulher ao seu domínio. É fazer com que ela o ame.

Reporter: (Pensando) — Que as trata com brutalidade, já sei... É disso mesmo que vocês querem... Que faz que elas gostem dele, não é assim?... De mim é que mulher alguma já teve medo... Minha mulher chega a... bem, vamos ficando por aqui (Falando) — Essa popularidade, creio, não é tão geral assim. Acho que não só as mulheres como também os homens o apreciam.

Norma: (Pensando) Não posso esquecer-me dos convidados que vão jantar comigo. São oito pessoas. Oito lugares a mais na meza. Preciso ainda de avisar Charles e Ursula de que não se esqueçam das flores. (Falando) — Acho que ele cai no goto de todo o mundo, porque dá logo a impressão de ter vivido muito e sendo do povo, ele, melhor que ninguém, o compreende. Todo o mundo vê nele o homem que saiu da mina ou da bomba de gasolina e atingiu o pináculo da fama pelo esforço próprio, pelo espírito de

lutar. Lembra-se ainda do que Lionel Barrymore dizia dele em *Uma Alma Livre*? Mas é isso exactamente o que o público quer pensar dele. (Pensando) — O que eu disse não será coisa terrivelmente absurda? Acho que as minhas frases não foram apropriadas. Mas basta que ele compreenda. Estes jornalistas são pouco correctos, quasi sempre... Nunca escrevem aquilo que ouvem e sim aquilo que entendem.

Reporter: (pensando) — Ai vem o Leonard. Acho que passou o tempo que me foi concedido. Nem que ele queira não conseguirá tingir que me acha simpático. (Falando) — Está ficando tarde, não é verdade? Preciso de retirar-me e acho que chegou a hora de voltar ao seu trabalho, não é assim?

Leonard: (Falando) Norma, está pronta? Mas, não se impressione, sabe? (Pensando) — Não se apresse. Preciso de liquidar aquela montagem hoje. Estes camaradas pensam que são bemvidos aos sets, quando na verdade nada mais são do que antipáticos...

Norma: (Falando) — Está esperando por mim, Bob? (Pensando) — E' lógico que esteja. Eu é que me atrazei aturando este indesejável por tanto tempo... (Falando) — Já vou.

Reporter: (Falando) — Pois eu vou também. (Pensando) — Ah, se eu pudesse beijá-la, minha querida, ao menos agora na hora da partida... E se minha mulher descobrisse isso? Emfim...

Norma: (Falando) — Pois então até á próxima. (Pensando) — Que Deus me livre! (Falando) — Sinto que não me sobra mais tempo para atendê-lo. Não quer aparecer num dia próximo para tomarmos um *lunch* juntos? (Pensando) — Que coisa horrível eu disse... E ele é capaz de nem sequer saber escrever...

Reporter: (Falando) — Sem dúvida, seria esplendido. Mas peço que me desculpe por ter tomado tanto do seu tempo. Espero que este seja o seu filme mais belo. (Pensando) — Esplendido será sem dúvida, porque basta que ela esteja ótima como é! Bem, agora vou. Talberg é capaz de chegar aqui e ficar com ciumes. E a porta, onde está?

O reporter sai. Norma sorri com infinito despreso e o pessoal da publicidade faz figas. Dois dias depois o chefe de publicidade agradece ao reporter a atenção e avisa que Norma Shearer ficou encantada com a finura do cronista ultra agradável...

(Da «Cinearte»)

Um Homem de Negócios

(Conclusão)

os seus negócios. Larry convida-a para jantar com ele e Vivian aceita.

Mas, quando Larry impaciente e nervoso a espéra, Vivian telefona-lhe de bordo dizendo-lhe adeus.

Larry compreende que foi vítima de uma brincadeira. Mas ele já está apaixonado, e resolve seguir no mesmo vapor em que ela viaja. Em breve vem a saber que Vivian está noiva de Horace Partington Chetsford. O seu creado Roger, prepara um «cocktail» em que mistura uma droga de que possui o segrêdo. Quem beber desse «cocktail» perde tôdas as vaidades e preconceitos e torna-se belioso.

Quási no fim da viagem, Larry confessa o seu amor a Vivian. Esta também o ama. Os amigos de Vivian conseguem ouvir a conversa entre os dois. Larry vê-os, julga que é uma nova partida de Vivian e fica irritadíssimo.

Entretanto a ausência de Larry estabelece grande pânico na Bolsa e ele perde tôda a sua fortuna.

Vivian sabe por Roger que ele está arruinado. Vai procurá-lo e diz-lhe que um homem como ele não tem o direito de desanimar e que refará de novo a sua fortuna e ganhará o dinheiro que quizer.

E quando a viagem finda, Larry e Vivian, mais apaixonados do que nunca, resolvem unir para sempre os seus destinos...

“Lêde e propague Invicta-Cine”

CASTELO LOPES, L.^{DA}



A firma detentora dos
melhores filmes europeus
e americanos, apresenta
segunda-feira no Aguia
d'Ouro a super-produção
da United Artists

UM HOMEM DE NEGOCIOS

(REACHING FOR THE MOON)



Uma alta comédia reple-
ta de acção, luxo, espi-
rito e sentimento. Criação
dos famosos artistas

DOUGLAS FAIRBANKS

E

◀ BEBE DANIELS ▶